

## *Da Guerra (e da gente) Comum*

Primeiramente, queria dizer que nem vou falar sobre os benefícios ou malefícios da nossa Guerra de África e, ainda menos, fazer uma análise literária, linguística ou estilística desta obra. A primeira é assunto demasiado sério para ser abreviada e ligeiramente tratada. Nem acho que interessasse ao caso. Analisar literariamente o livro seria retirar-lhe o sentido do real valor de uma narração introspectiva sobre as vivências da Guerra, cujo principal mérito é constituir um testemunho sobre valores e comportamentos humanos. Venho portanto propor-lhes uma leitura do livro de Cesário Costa e reflectir sobre o seu conteúdo. É uma análise de historiador perante documentos de memórias.

A pergunta inicial que deve colocar-se é: pode um livro de cartas de amor ser um documento sobre a Guerra? A resposta encontra-se nestas páginas e vou tentar explicar porquê. Em primeiro lugar, trata-se de um livro de subentendidos. Do que se não diz. De entrelinhas. De comentários difusos. As cartas que explicitam o amor nem sempre o fazem sobre a Guerra, porque não podem. Uma coisa é ser jornalista e nem esses podiam dizer o que viam, outro é ser militar e estar sujeito aos Regulamentos e respectiva Censura.

A sua leitura exige, portanto, subtilidade e sobretudo uma interpretação hábil - como se diz no Direito - dos textos, para se compreender que são páginas carregadas de paixão, ternura e solidão. Não raro de desespero, mas também de esperança, amizade, perseverança e coragem - sobretudo para enfrentar a dureza das situações.

Assim, por imposição das circunstâncias, este é um livro de várias linguagens: incontida, nos aspectos afectuosos, vibrante, nos aspectos da amizade e camaradagem, subtil e difusa - sobretudo inicialmente, depois o tom começa a mudar - nas condições directamente ligadas com a guerra.

Três exemplos demonstrando cada uma delas:

*28-6-67*

*Todos estes dias me parecem um pesadelo. Quero acordar deste terrível sonho que me deixa cansado. Queria voltar a ver-te, para ter a certeza de que existo. Gostaria que pudesses vir nas tuas cartas, com a tua alma e os teus pensamentos.*

*26-12-67*

*Tiveste Boas-Festas e um Natal alegre? Também tive uma festinha com os meus camaradas das transmissões. E assim, bem unidos, ajudamo-nos mutuamente a esquecer um pouco esta separação que a todos custa. Agora é só mais um Natal que passaremos distantes (...)*

*16-8-67*

*(...) Só a mim permitem sair do quartel à civil, devido à minha especialidade. Se quiser, por opção, sair fardado, não posso - por razões de segurança - (Sendo portadores de segredos do Exército, os Criptos corriam o risco de ser raptados. Os Oficiais e Sargentos poderiam ser abatidos à queima-roupa) usar os símbolos que me identifiquem como Cripto. (...) Para que não se perceba a razão concreta por que não devo andar fardado, dizem eles que «parece mal, a um Cripto, andar fardado!» - «Bem te entendo!» - digo eu.(...)*

Todavia, este livro demonstra - para quem o quiser ver - como, através de cartas de amor no registo de um discurso quase linear, sóbrio e discreto dos acontecimentos, se pode retratar incisiva, mordaz e eficazmente a vivência da Guerra. Sem discursos sobre a justiça ou injustiça dela. Sem gritos de revolta, sem sentimentos de culpa a denúncia existe e a revolta também.

Vejamos como, sem contar e ao contrário das expectativas, um jovem se vê precipitado para o desconhecido e a distância enovelada nas malhas que o Império ainda ia tecendo:

*Trafaria, 13-4-67*

*Ontem, fiquei a saber que vou para um Quartel da 1ª Região Militar - no Norte, portanto. Embarcarei daqui, no Sábado, com destino ao Quartel-General do Porto. Lá informar-me-ão em que Unidade vou ser colocado. É provável que fique mesmo no Porto. Tudo é ainda muito vago. (...)*

*11-5-67*

*Hoje estou muito optimista. Gostas de me saberes assim? A verdade é que recebi uma circular dizendo que 60 dos meus camaradas que estiveram comigo na Trafaria estão mobilizados. Eu não estou incluído (...). Agora, para ser mobilizado, ainda faltam mais 70. Mas, estes, já muito dificilmente o serão. Eu, então, nunca o serei. Ainda bem que me esforcei no curso, pois se assim não o fizesse lá ia o teu Cesário. Consideremo-nos, pois, felizes (...).*

E depois aconteceu o que não estava previsto:

*«Quando a esmola é grande, o pobre desconfia. Contrariamente ao adágio, não desconfiei terem-me concedido 15 dias de licença. Ainda a «Procissão ia no Adro» quando o meu colega (o 2º Cripto) telefonou de Chaves, para informar que eu estava mobilizado e teria de me apresentar imediatamente no Quartel.*

*Completamente perdido, pois não contava com o sucedido, percorri quilómetros e engendrar o que havia de fazer. Pensei em desertar. Ir para Chaves, não para o Quartel mas para Espanha, onde era a fronteira, ali a dois passos. E, como muitos da minha geração, daria o «salto» para França. Tinha de encontrar alguém que me aconselhasse. Infeliz ou felizmente, ninguém me apareceu para conversar. Tinha ainda o problema da namorada. Despedir-me dela seria para uma das situações: emigrar clandestinamente ou combater em África. Optei por África. (...)*»

Mas quem vai para o desconhecido e para a distância ainda tinha um calvário inicial em país em que mesmo a Guerra sustentava a sua burocracia activa:

*Lisboa, segunda-feira, 31-7-67*

*Percorri mais uma quantidade de quartéis. Não vou dizer-te o que passei, pois não interessa. O que importa saber é que estou bem. Juntei-me, finalmente, à minha Companhia. Sempre vou para Angola no dia 5 de Agosto, no «Vera Cruz». Disseram-me também que vamos para uma região do sul, o que é muito bom. (...)*

Dizia então que este livro é, indirectamente, uma alegoria, um fresco impressivo e um testemunho. É um elogio do povo anónimo, da sua perseverança e da sua resignação. Da tenacidade e da angústia da gente comum que, mais do que os políticos ou os que lucravam com ela (que, nalguns casos, mandavam os filhos para o estrangeiro) suportou o drama e o desespero de uma Guerra de que a maioria só aspirava uma coisa: o regresso dos seus. Eis o povo anónimo na grandeza do seu quotidiano:

*«(...) Era usual, nestes tempos, alguém que emigrava ou ia para a Guerra ir a casa dos familiares, vizinhos e amigos, fazer as despedidas. Com a namorada pelo braço, fui a Canelas*

*despedir-me do meu avô Cesário, do tio Cesário e tia Bernardina, da tia Alda, do tio Carlos e tia Carolina, da tia Lucinda, dos primos Xico e Ana, Palmira, Cesário, Carlos e António e de outros primos, netos do meu avô. Fui ao Corvo, em Arcozelo, despedir-me da madrinha Cármen e sua prole. Despedi-me do tio Agostinho e da tia Amelinha, da Rua D. Pedro V, em Gaia, do tio Manuel e tia Maria Emília, da Rechousa. Dos vizinhos do lado direito da rua e depois do lado esquerdo: um rol de gente, que os dez dias não chegavam para ver. (...)»  
A bordo do «Vera Cruz», 6-8-67*

*(...) despedida em Lisboa. Foi terrivelmente triste e, ao mesmo tempo, bela. Havia lenços de todas as cores a acenarem, pessoas gritando e dizendo adeus mas confiantes num regresso dos seus. Mães com ar dolorido por verem os filhos partirem. Foi impressionante! E cenas de que não vou falar (...)*

*Enquanto os homens - oficiais e praças - do barco choravam, eu assobiava ou confortava algum mais fraco. Estava magoado de mais para chorar. Porém, quando tocou o Hino Nacional, ao começo da partida, não pude conter as lágrimas. (...)*

Mas, afinal, quando voltavam, se voltassem, esperava-os a vida de sempre, nalguns casos problemática e cheia de incógnitas. Se alguém ganhava alguma coisa com a Guerra, não eram eles. Dois exemplos destes sacrifícios encobertos e silenciosos, em nome de um estranho sentimento do dever para cumprir, de uma tarefa para desempenhar, de um implícito compromisso assumido:

*8-12-68*

*(...) É casado e tem um catraio que tinha 4 meses quando ele veio para Angola. Enterneceu-me a sua história. O pequeno tem agora 1 ano e 8 meses, já caminha, fala e parece que também parte a louça toda. Continuava a falar e as lágrimas corriam-lhe pela face. Deve-lhe ter custado muito a separação. Chorava e ria, ao mesmo tempo, de saudade e felicidade. Sabes quem é este moço? É o mesmo que deu um tiro na mão, logo no início da comissão, quando limpava a arma. Morreu-lhe o pai, deixou mulher e filho, tem a mão aleijada. Enfim, tem passado das boas! (...)*

*«(...) O Carmo, vocalista do meu conjunto «Os Selvagens», deu-me guarida em sua casa. Casado pelo Registo Civil, não foi viver com a esposa, porque o casamento tinha sido apenas para efeitos militares. Ou seja, para receber mais pré. Era uma casa muito pobre mas acolheram-me com dignidade. Dormi na cama de uma das irmãs, que dormiu com a mãe, enquanto o pai dormiu no chão. Custa-me a dizê-lo, mas a noite que lá passei foi como se estivesse no M'Pozo. Os percevejos mordiam-me. (...) ouvi ruídos no outro quarto, cuja porta era uma cortina de pano. Não acenderam velas nem o candeeiro a petróleo. Tudo sossegou e sentei-me na cama. (...) Na terra batida procurei os sapatos para os esmagar. O Carmo não dormiu lá. Acho que foi dormir para casa de outra irmã. (...)»*

Estes trechos trazem-me à lembrança Eça de Queirós quando escreveu: «Há no mundo uma raça de homens com instintos sagrados e luminosos, com divinas bondades do coração, com uma inteligência serena e lúcida, com dedicações profundas, cheias de amor pelo trabalho e de adoração pelo bem, que sofrem, que se lamentam em vão.

(...) Estes homens, nos tempos de lutas e de crises, tomam as velhas armas da Pátria, e vão, dormindo mal, com marchas terríveis, à neve, à chuva, ao frio, nos calores pesados, combater e morrer longe dos filhos e das mães, sem ventura, esquecidos, para que nós conservemos o nosso descanso opulento.

Estes homens são o Povo, e são os que nos defendem. (...)»

("O Povo", Distrito de Évora, 10-1-1867)

Vivendo a Guerra, a experiência da morte torna-se inevitável. Ei-la na absoluta simplicidade narrativa, apresentada sem rodeios e atavios. O que é, é, e não vale a pena filosofar sobre isso:

*Chaves, 19-6-67*

*Acabei de participar no funeral de um Alferes, deste Batalhão, morto no Ultramar. Foi impressionante! Assisti à cerimónia em casa da sua família e, na Igreja Matriz, à missa de corpo presente. Acompanhei o desfile até ao Cemitério Municipal. Ali, finalmente uma salva de tiros pôs termo ao cerimonial fúnebre. Antes, porém, ouviu-se o toque - a silêncio - dos clarins. Arrepiante!...*

*Poderia dizer que quase todo este povo desfilou nas ruas, em tarde escaldante, de lágrimas nos olhos. Além de ser militar português, um herói, que morreu ao «serviço de Deus e da Pátria, diziam os de cá, era um homem bom e honrado conterrâneo. Paz à sua alma. (...)*

*18-1-69*

*(...) Tivemos (...) notícias de que, numa destas noites passadas, numa das Companhias desse Batalhão (...) ocorreu um caso muito triste. Um rapazinho que montava sentinela foi morto a tiro por Alferes, quando fazia ronda àquela hora. O rapaz, momentos antes, tinha saltado o arame farpado para ir fazer as suas necessidades. Não avisou ninguém. O Alferes, julgando tratar-se de um suspeito, disparou uma rajada na escuridão e atingiu mortalmente o camarada de comissão. Esta imprudência vitimou-o. O Alferes, confuso, porque se precipitou - medo ou irreflexão, sabe-se lá -, entrou em estado de choque e foi evacuado, na manhã seguinte, para o Hospital Militar de Luanda. Um e outro viajaram no mesmo helicóptero. É assim a Guerra (...)*

Este é, também, um livro sobre a amizade e a solidariedade. Uma explicação daquilo que, nos momentos difíceis, faz os homens transcenderem-se e sublimarem as suas angústias, daquilo que se chama o estabelecimento de laços de união perante a adversidade. Ou como torná-la mais suportável. Ou, simplesmente, como sobreviver:

*25-2-68*

*(...) Estava para me ir deitar, mas como os camaradas, aqui do Posto de Rádio, iam falando, meti também a colherada: falamos dos nossos sofrimentos na tropa e que hoje já nos rimos deles. (...)*

*10-4-68*

*(...) Já saboreei algumas amêndoas para matar saudades. Tê-las aqui é um luxo. Como não sou egoísta, distribuí algumas pelos meus colegas do posto-de-rádio.(...)*

*28-4-68*

*O dia de ontem não me passou despercebido. Apesar de tudo, houve festa rija. Mandei comprar carne em S. Salvador. Fritei bifes e batatas, arranjei bebidas e celebrei, com os camaradas do Posto-de-Rádio, o meu 23º aniversário (...)*

*9-2-68*

*(...). Pensei muito nos meus camaradas que estão agora no mato. Só Deus sabe o que padecem. Neste momento devem estar tentando secar a roupa, em vão, e livrarem-se dos insectos, que, depois das chuvas, são verdadeiras pragas. Quando regressarem ninguém lhes apanha uma palavra de lamento. Ao contrário, cheios de optimismo, dizem: «Ena pá, ontem é*

*que choveu!...» Dizem assim porque muitas mais vezes irão passar pelo mesmo e entendem que não vale a pena revoltarem-se.*

Todavia, tal solidariedade transcende-se e quase atinge o limiar da nobreza moral, quando o pacato Cifra vai alfabetizar alguns camaradas, ajudando-os a construir um futuro depois da Guerra. Era a oportunidade de combater o sentimento de inutilidade que começava a sentir:

*(...) Achei boa ideia abrir-se uma escola dentro do quartel e aqueles que, como eu, estão cá dentro, poderem ensiná-los. É claro que aceitei logo. Começarei já no princípio do mês a ensinar a secção que me irá ser distribuída. Existem cerca de 20 analfabetos (ou semi-analfabetos) nesta Companhia. Ficarei a dar aulas a um grupo de sete e farei todos os possíveis para que façam o exame e saiam da tropa no fim do tempo regulamentar. Estou entusiasmado e sei que a minha colaboração não será em vão. Fico também contente por saber que, finalmente, algo de útil posso fazer em África.(...)*

*29-2-68*

*(...) No próximo dia 10 começo a dar as «Aulas Regimentais». Vamos lá ver se me saio bem como Mestre-Escola. Os rapazes estão com muita vontade de aprender.(...)*

*24-3-68*

*(...) ainda tenho o trabalho de docente para com os meus camaradas, que, como disse, começou no dia 10 do corrente. É gratificante vê-los a saber ler e escrever mais um pouco do que o pouco ou nada que sabiam.*

E o resultado é admirável:

*(...) Os que não sabiam ler nem escrever, hoje já escrevem, por suas mãos, uma carta aos pais ou à namorada. Eu ensinei-os. Antes era eu que escrevia essas cartas. (...)*

A camaradagem e a lealdade manifestam-se em situações imprevistas, então consideradas quase tabu, sobre as quais pesa espécie de ocultação e silêncio. Apesar da incomodidade do assunto, o livro aborda-o, ainda aqui, delicadamente compreensivo. Sem recriminações. Sem juízos morais. Afinal eram camaradas de armas e o modo como o assunto nos surge relatado parece-me exemplar e lúcido - até no seu comentário posterior:

*22-4-68*

*«(...) a altas horas da madrugada, precisei de ir às latrinas, longe das casernas e quase juntas ao arame farpado que cercava o aquartelamento. Estava numa daquelas precisões de ter de correr e ir desabotoando as calças. Assim que entrei no «paiol», deparei com dois indivíduos, num recanto, aos beijos. Tive que fazer de conta. Entretanto, afastaram-se. (...)*

*No dia seguinte, o cozinheiro - meu aluno das aulas regimentais - dirigiu-se-me e disse:*

*«Cifra! Eu sei que ficaste admirado com o que se passou ontem, mas queria pedir que não participasses de mim e continuasses a ensinar-me a ler e a escrever. Se não tirar o Diploma não posso ir para a América, como é meu desejo». «Eu não vi nada, nem sei do que estás a falar», respondi. (...)*

*O problema da homossexualidade na Guerra deveria ser entendido e estudado. Assisti a muita coisa, mas como não sou sociólogo nem psiquiatra não quero pretender explicar. Uns, eram-no e assumiram-se como tal, outros, não eram, passaram a ser e não se assumiram. E ainda outros, que nunca foram, passaram a ser mas abandonaram a prática. Houve até quem*

*me pedisse, com toda a naturalidade, que escrevesse cartas de amor para os colegas de quem gostava...(...)»*

Não obstante, a camaradagem e os laços que uniam dezenas de homens isolados nos confins de Angola conduziam a situações dignas de filmes cómicos e a cenas humorísticas que serviram de contraponto aos problemas:

*9-1-68*

*(...) O Pelotão de serviço (em cada 24 horas há um Pelotão de serviço, cerca de 30 homens) correu ao local com carros, morteiros, bazucas, etc. Todos reagiram de forma extraordinária. Apontaram os focos de luz, dispararam e lançaram granadas de morteiro. E nada em troca. Daí se concluiu não ter sido mais do que a imaginação da sentinela. Mas o rapaz tinha afirmado que ouviu ruídos estranhos e não se responsabilizaria pelo que houvesse. Voltamos para os respectivos postos de abrigo e, naquele instante, alguém disse ter visto um vulto no bosque e todo o fogo foi naquela direcção. Seguidamente, ouviu-se um barulho parecido com uma árvore caindo. Bateram a zona com cuidado e o que foram encontrar? Um animal enorme - uma pakaça - morto pelos tiros. Oh, sorte danada! Afinal, era o nosso almoço. E que rico almoço, logo no primeiro dia do ano de 1968!*

Mas talvez um dos momentos mais altos desta comunhão solidária fosse atingida pelo trabalho colectivo que as representações teatrais constituíam. Delas se encarregava o Cifra - autor, compositor, músico, cantor e ensaiador - que, entusiasmado, relata uma delas:

*6-8-68*

*(...) Sobre o espectáculo digo-te, sinceramente, que ainda não estou em mim! Nunca supus que entusiasmasse tanto a malta e lhes desse tanta alegria! Por isso, sinto-me feliz e satisfeito.*

*(...) Os oficiais pertencentes às Companhias que compõem o Batalhão, dos quais um Major, também assistiram. À noite, pelas oito horas, ainda chegou uma coluna da Canga que veio propositadamente ver o espectáculo. Os muitos soldados que vieram foram daqui satisfeitos para o seu aquartelamento. (...)*

E a aproximação do Natal é outra oportunidade de alegria de convívio e da luta contra o esquecimento:

*24-12-68*

*(...) Apesar de tudo andamos todos atarefados por causa do Natal, como se estivéssemos em nossas casas. Uns procedem a arranjos no Quartel porque amanhã, dia 25, vem cá o Comandante do Sector do Zaire, para nos visitar, e é necessário mantê-lo limpo (o Quartel, claro). Outros enfeitam as casernas com arbustos e improvisam ornamentações natalícias. Na Secção de Rádio, já se encontra tudo enfeitado para a Ceia de logo à noite. Não falta a tradicional árvore (aqui não há pinheiros, mas serve) enfeitada com lâmpadas, algodão em rama, postais de Boas-Festas, pratos de chocolates, etc. Na base da árvore está simbolizado o presépio: um postal ilustrado com o Menino Jesus deitado nas palhinhas. Enfim, é o que temos! (...)*

Não admira que a obra seja dedicada à memória do Capitão José Horácio Silveira Bettencourt, «o nosso comandante», como sempre é referido. A sua personalidade, bondade e

compreensão, que não excluía competência e coragem, são patentes ao longo das páginas deste livro. Lendo-as, compreendemos como certas personalidades conseguem, com o passar do tempo, não ser esquecidas pelo que acrescentaram à vida dos outros:

19-3-68

*(...) Ontem foi, para mim, um dia inesquecível. O nosso Capitão fez anos e, ao mesmo tempo, a festa de despedida para gozar licença.*

*Contaram com a minha presença e da minha viola. Cantei algumas canções e disse umas larachas para tornar o ambiente agradável. (...)*

*Depois dos discursos habituais, chegou a minha vez de manifestar os agradecimentos. (...) falando em nome dos meus camaradas, que partilhavam comigo a sorte que tivemos em ter um bom chefe de Companhia, em generosidade e justiça, como é o nosso Capitão Bettencourt. Houve risos, lágrimas, cumprimentos e abraços (...)*

20-5-68

*(...) este aquartelamento tem sofrido alterações notáveis. Tudo graças a este pequeno comandante (em tamanho). Há dias, mandou colocar um motor para puxar água do rio, cá para cima, para os bidões dos duches. Este espectacular melhoramento veio suprimir o trabalho árduo e perigoso de fazer deslocar viaturas a 6 km, duas vezes ao dia, para ir buscar água. Mandou fazer, então, um depósito, respectivas ligações, para os duches, cozinhas e outros pontos. Também mandou fazer novos postos de sentinela, apetrechados com camas e holofotes (concordo com os projectores e não com as camas), abrigos subterrâneos e um paiol novo. Enfim, uma série de coisas de utilidade e segurança.*

*Agora temos melhores condições! E tudo feito como passatempo. Quero com isto dizer que este homem, o Capitão Bettencourt, tem categoria, é amigo de todos e indulgente. (...)*

26-2-69

*(...) comemos mais uma mariscada à conta do Capitão (não foi por nos pagar o almoço e o lanche que notei, mais uma vez, que ele é um tipo da «corda»), homem bem disposto e sem nada que o faça parecer militar de carreira, mas um engenheiro que o Exército repescou para vir para cá.*

7-4-69

*(...) O Capitão desabafou que gostava mais de estar no M'Pozo (eu também, apesar de tudo), porque o Brigadeiro daquele Sector e o Comandante do Batalhão eram belíssimas pessoas e não se aborrecia tanto como aqui, por causa destes... (uma série de adjetivos). Na verdade os «Cães Grandes» daqui não são nada meigos.*

*E quando o infortúnio atinge o comandante, a reacção da Companhia revela o apreço em que tinham este verdadeiro líder e condutor - embora também forçado - de soldados:*

15-4-69

*(...) Os da operação já regressaram e Graças a Deus, todos vivos, embora exauridos da longa caminhada que fizeram.*

*O Furriel Costa, tartamudo, contou-me tudo quanto se passou. Foram emboscados no caminho mas reagiram ao fogo inimigo e, felizmente, não sofreram nada.*

*Depois, (...) contar-te-ei melhor estas aventuras e desventuras porque, agora, não tenho nenhum apetite de o fazer. (O Furriel Costa ia ao lado do Capitão. Quando sofreram uma emboscada, tiveram necessidade de correr e procurar abrigo. Durante a corrida, o Capitão escorregou na lama e partiu um pé. O Furriel Costa veio atrás para o auxiliar. Arrastou-o como pôde e os tiros continuavam. Entretanto o ataque abrandou e chamaram o Cabo Enfermeiro. Este colocou talas no pé do Capitão. Alguns, enraivecidos, foram pelo interior da mata numa tentativa de aprisionar guerrilheiros). (...)*

Muita coisa mais haveria a dizer sobre o significado profundo do que este livro diz ou nos deixa adivinhar. Resta abordar os dois temas que o justificam. O primeiro é, obviamente, a Guerra. Lenta e paulatinamente, o soldado vai tomando consciência dela. Do que vale, o que representa, o que a mantém. E sobretudo das suas consequências para a vida dos homens como ele, apanhados numa engrenagem cujos meandros os ultrapassava. O desgaste, a desilusão, a impotência e - a partir de certa altura - clara aversão, tornam-se patentes. Da expectativa resignada inicial o discurso vai caminhando para a impaciência, o inconformismo e até alguma revolta:

26-10-67

*(...) pela primeira vez, foi celebrada missa aqui no M'Pozo. Exceptuando os que estão nos postos de vigia, ninguém faltou. Um quadro impressionante! A meio da missa começou a chover torrencialmente, mas ninguém se afastou. Quando terminou estávamos todos alagados, mas ninguém se preocupou com isso: a chuva não molhou os corações.*

23-2-68

*Faz hoje meio ano que vim para o M'Pozo. Quando sairei? Ainda não sabemos, mas julgo que dentro de dois ou três mesitos iremos para Luanda. Estou certo de que não nos obrigarão a ficar por mais tempo neste isolamento tão estúpido (...)*

13-3-68

*(...) Depois era aquele alarido habitual da chegada: a vozeria, a água dos chuveiros (por vezes não havia água e tinham de esperar que uma Secção a fosse buscar ao rio), o som metálico das marmitas no refeitório e a algazarra na cantina, por causa da cerveja que não havia. E, também, o desalento de alguns que, calados, se metiam na caserna, para só aparecerem no dia seguinte. Outros, antes de qualquer coisa, liam o correio. E outros, que não recebiam correio, metiam-se na cama sem comer. E choravam!...(...)*

14-3-68

*(...) penso que não sofreremos aqui nenhum ataque de retaliação; sabem que estamos devidamente guarnecidos, com material de guerra novo. Sabem-no perfeitamente e não vão ter a audácia de nos atacar. Bom, não importa as guerras!  
E vem à superfície o que não era contado para não alarmar a namorada: (...) no M'Pozo, daquela vez (a 4ª) em que adoeci, também com paludismo, foi talvez a mais marcante de toda a minha vida. Devo aos enfermeiros Machado, Luís e Alcides, ao Furriel Eurico - chefe da enfermaria - e, sobretudo, ao cozinheiro Mício, o facto de estar aqui hoje contando a história (...)*

5-9-68

*(...) Completo hoje 13 meses de comissão. Apesar de tudo, o tempo tem passado depressa. Não vale a pena andar triste por faltarem ainda 11 meses. É melhor pensar que já passaram 13.*

*Agora começo a regular-me pelo futebol. No Domingo, inicia-se mais um Campeonato. Quando este acabar, faltarão só dois meses para que tudo isto acabe (...)*

Depois, o apagadíssimo Cifra dá fortes dentadas humorísticas nos responsáveis pela governação:

19-9-68



*Sobre o Salazar: as notícias da rádio dizem que o seu estado de saúde piora e talvez não escape desta?!...*

*Os ministros - ou «abutres» - já se reuniram, mas não sei o que andam a tramar. Espero que, depois da sua morte, a situação do País melhore. Mas não creio. Há tantos interesses instalados, tanto cá como aí, que nem sei se lhe deseje, para já, a morte. A Guerra acaba? Ou vai ser pior? (...)*

E que maior desencantamento pode ser expresso mesmo nas ocasiões das vitórias?

*23-10-68*

*(...) Na altura em que escrevi, de modo sorumbático, havia muito serviço. Procedia-se a uma operação conjunta: os nossos, mais os T.Es (Tropas Especiais), foram para os lados do Congo. Os que aqui ficaram, como eu, aguardavam ansiosamente pelo resultado.*

*Era sempre o primeiro a saber dos movimentos que se efectuavam, através das mensagens enviadas pelo radiotelegrafista no terreno ou pelo Comando do Sector. Andávamos tensos, nervosos, pois esta operação era de alto risco. Os nossos arrasaram, dentro do Congo, um acampamento do inimigo. Causaram muitas baixas e capturaram alguns elementos. (...)*

*O nosso posto de rádio esteve em escuta permanente (...) e as mensagens eram constantes. Daqui ia sabendo, através das mensagens, o desenrolar dos acontecimentos, antes e depois do assalto. Também se ouvia (...) o matraquear das metralhadoras, os rebentamentos dos morteiros e das bazucas, etc. Foi impressionante.*

*Enfim, foi mais uma «glória» para nós, embora não tenha ficado animado com isso.(...)*

*5-12-68*

*(...) Registou-se o maior número de casos de paludismo. Quase ao mesmo tempo, ficaram 57 homens de cama, vê só! Os enfermeiros não têm mãos a medir, dando injeções e perdendo noites a fio, para tratar os doentes (...)*

*Felizmente não fui afectado desta vez. Mas não estou livre de outra. O que queria era ver-me livre desta África maldita, onde só se arranjam doenças, se calhar para toda a vida! (...)*

E, quando se começa a ver a luz ao fundo do túnel, eis a reacção:

*30-12-68*

*Até que enfim!... Finalmente vamos mudar para outra localidade! Fui o primeiro a saber, como é natural, pois a notícia veio em mensagem cifrada. Nem calculas como fiquei!. Nunca na minha vida tive reacções tão entusiasmadas. (...)*

*Estava a decifrar a mensagem normalmente, quando, a determinado instante, o texto começou a mostrar palavras relacionadas com «rendição». As minhas mãos começaram a tremer, pela emoção que ia crescendo (...), até ao ponto de dar quatro berros e correr na parada como doido.*

*Fui logo avisar o Capitão (...). Julgou, a princípio, que estava a gozar com ele. Depois de lhe passar aquele período estremunhado, começou também a correr para dar a boa nova aos alferes. Estes, por sua vez, correram a avisar toda a gente. Não demorou dois minutos para que toda a Companhia ficasse no meio da parada, aos gritos e saltos de contentamento. Reviraram-se camas, pontapearam-se tábuas das casernas (até os instrumentos do meu recém-criado conjunto - que era para a festa de Ano Novo - ficou em frangalhos). (...)*

Ademais, o comentário é bem claro:

*(...). Estávamos praticamente «mortos», à beira do abismo e tentados a «saltar para o rio gelado». Deixaram-nos ali, durante dezoito meses, para fazer o quê?*

No entanto, o ambiente da Guerra ainda estava para durar. E inesperado em toda a sua violência:

*9-2-69*

*(...) Ao aproximarmo-nos da Fazenda, mas ainda longe, o sol mal despontava, avistei algo macabro. O que, na altura, me parecia serem abóboras poisadas nos esteios da porta-de-armas do aquartelamento - como fazem aí, os agricultores, que as põem nos telhados ou em cima dos muros das entradas dos quintais, para secarem - ao perto, eram outra coisa, que me escuso de narrar. Lá dentro havia mais, enfiadas em estacas!... (eram cabeças de negros decapitados numa acção de «limpeza», dias antes da nossa chegada. Julgo que as colocaram para se auto-vangloriarem do sucesso da operação e na tentativa de impressionar os recém-chegados. No dia seguinte tinham desaparecido, pois alguém (o nosso Comandante) as mandou retirar).*

*Fiquei sem saber, porque também não quis perguntar, se aquilo eram «troféus» ou brincadeira de praxe dos camaradas que íamos render. (...)*

E o pacato Cifra teve de passar por um constrangimento doloroso:

*26-2-69*

*Partimos de manhãzinha. O dia estava magnífico. Na picada, que liga a Fazenda à estrada para o Negage, tive de ir de pé no jipe, por ordem do Capitão, para melhor observar o terreno e alertar, se fosse caso disso, de qualquer perigo ou anomalia. Somos obrigados a ir assim (se isto tem algum cabimento!) para olhar os pretos que deambulam por ali, em trabalho, na apanha do café, ou em deslocação, e controlar se eles cumprimentam a tropa (têm que parar, tirar o chapéu, ficar em sentido e sorrir). Se não cumprirem alguma destas normas, serão punidos com pancada ou outro castigo a determinar pelo mais graduado da viatura. Felizmente, nenhum dos nativos se esqueceu ou teve preguiça de tirar o chapéu e de sorrir, porque eu não saberia, depois, como denunciar qualquer destas situações. (...)*

Percebemos que, à medida que o fim da Comissão se aproximava, o clima de intranquilidade adensava-se:

*6-3-69*

*(...) Poucos dias depois de termos vindo para aqui, o aquartelamento do M'Poza foi atacado de noite, mas não houve mortos nem feridos. Nós já prevíamos que, mais cedo ou mais tarde, aquele quartel ia ser atacado, pois a nossa Companhia em tempos (devo ter falado nisso) arrasou um acampamento do inimigo, no Congo. A partir dessa altura estivemos de prevenção reforçada, porque era de prever qualquer retaliação. Preferiram atacar a Companhia inexperiente e não a nossa. (...)*

Ou ainda:

*12-3-69*

*(...) saíram ontem, de imprevisto, três grupos numa operação de combate, para os lados da Serra de Uíge. Juntaram-se com outro grupo de outra companhia, e formaram uma*

*Companhia completa. Quer isto dizer que é, ou será, uma grande operação. O objectivo é destruir um acampamento do inimigo, que se suspeita esteja localizado naquela serra. (...)*

Com o tempo o discurso torna-se cada vez mais inconformado:

*14-3-69*

*Faz hoje 19 meses que cheguei a Angola. Dezanove meses de sacrifícios, incompreensões e tenacidade. Ainda me recordo do dia em que desembarquei em Luanda e vi uma terra tão diferente daquela onde nasci. Naquele mar liso e grosso, os pretos, seminus, pescando em pequenas barcaças, parecia que nos olhavam desconfiados e amedrontados. Como cães raivosos, muitos soldados gritavam insultos (...) àquela gente que andava ali apenas a ganhar o seu pão. (...)*

Depois, o recurso à subversão pelo humor torna-se espécie de compensação - com os cuidados necessários pelos ouvidos indiscretos:

*27-5-69*

*(...) Sabes que relação existe entre o Marcelo e a Televisão? «Melhor fotografia, melhor som, mas o programa é sempre o mesmo». Sabes também o que é que melhorou desde que o Marcelo está no Governo?... Foi o Salazar!» Estas trouxe-as do Lobito. Irás contá-las agora às tuas colegas dos CTT, mas vê lá a quem as contas... (...)*

Mas era só para disfarçar a situação:

*15-6-69*

*(...) É meia-noite. A meu lado está o Furriel Costa, provavelmente escrevendo à namorada o mesmo que eu: «Estou saturado disto, quero ir ter contigo o mais breve possível; faltam só 50 dias; casaremos depois; estes dias parecem não passar mais, (...)*

Enquanto, na sua violência, a Guerra prosseguia:

*26-8-69*

*(...) A minha Companhia faz amanhã uma operação por quatro dias, numa zona onde o inimigo abunda. Felizmente é a última deste género. Creio que voltarão todos, tenho bastante confiança. Na semana passada fizeram uma, também de grandes proporções, e aprisionaram uma mulher que dizem ser mais perigosa do que cinco homens juntos. A esta hora já deve estar nos «anjinhos», com certeza. (...)*

O ponto fulcral da obra é - não podemos esquecer-lo - o amor. De facto, o livro documenta amplamente a importância do afecto e da ternura ou, se quisermos, da paixão, para estruturarem a vida da gente comum.

Vendo bem, o amor nasceu, cresceu e formou raízes apesar da distância. O amor afirmou a esperança e animou os dias. Tornou a Guerra mais suportável para quem a vivia, já que, na retaguarda, amparando-o e incentivando-o, estava espécie de fada benfazeja que o protegia. A força do sentimento e a perseverança de uma relação quase infantil em toda a sua pureza, constituem afirmação admirável de dignidade.

Acompanhemos então este rosário de amarguras, entremeado de confiança e carregado de futuro. Passo a passo, eis como a Guerra vai sedimentando uma relação que o tempo não fará esmorecer:

2-8-67

*Embarco no Sábado. Deus te ajude a suportar o tempo que vais passar sem mim. É pouco, vais ver. No dia 10 de Outubro de 1969 devo desembarcar. Estarás à minha espera para me receber. A 11 de Fevereiro de 1970 será o nosso casamento. (...)*

4-8-67

*Esta é a última carta que te escrevo do Continente. Parto, levando-te no coração. Assim, nunca estaremos sós.*

*Adeus, meu amor.*

29-8-67

*Agora, que estacionei, as saudades acentuam-se, mas não falarei delas porque há ainda muito tempo para as sentirmos e vão ser cada vez mais fortes. (...)*

12-9-67

*Já só faltam 22 meses e 15 dias e não dois anos, como dizes. Custam a passar, mas verás que, quando aí estiver, já não daremos conta destes estúpidos anos de separação. (...)*

1-3-68

*(...) Gostaria de dar-te como prenda a minha presença, mas não posso. Dou-te apenas o meu sacrifício, a minha luta enquanto estiver ausente. E tens ainda o meu amor. (...)*

13-2-68

*Amanhã, dia dos namorados, recordar-me-ei de ti. Tenho pena de não poder enviar uma flor ou outra coisa que simbolizasse o dia. (...)*

14-2-68

*Hoje, dia dos namorados, é o dia mais feliz que tive em Angola. Tal como tinhas calculado, recebi a fotografia e não sei como te agradecer. Estás realmente maravilhosa. (...)*

16-2-68

*Acordei esta manhã com uma disposição que há muito não sentia: de felicidade! Acordei a pensar em ti e a assobiar. (...)*

Com a felicidade no horizonte, animando os dias e as horas, antevê-se mesmo o nascimento e o nome dos filhos:

17-2-68

*Deve ser também muito bom. Havemos de ter uma biblioteca em nossa casa: livros para mim, para ti e para os nossos filhos. Gostava que eles tivessem a cultura que eu não pude ter. Queria que vissem o mundo por um prisma não tão complicado como o vejo. (...) Deixo-te, meu amor, com esta interrogação. Meditemos mais no caminho certo para o Mário e para a Antonieta (que afinal, (...) se chama Ana Sara - nome das avós. Nasceu a 16 de Outubro de 1981. O Mário nasceu a 9 de Agosto de 1971).*

26-2-68

*Quantas vezes penso como seria bom se estivéssemos juntos durante estes dois anos. namorar-te todos os dias e passar momentos felizes; ir esperar-te ao emprego; passearmos, em dias de folga, no Jardim de Soares dos Reis, na Cordoaria ou no Palácio. (...)*

Mas a realidade era bem outra:

2-3-68

*(...) Pensava no dia em que nos voltaríamos a ver; pensava na falta que me fazes e, pouco a pouco, fui-me entristecendo. Mas já passou! Tenho que enfrentar a realidade tal como ela é.  
(...)*

Vejamos este desabafo. Não constitui efectivo libelo acusatório?

25-3-68

*Três anos de juventude perdida (a minha, a tua e a de milhares que aqui estão - dos que estiveram e dos que virão - mais as respectivas namoradas, noivas ou esposas). Mas não faz mal. Havemos de recuperar a nossa mocidade. Tenho a certeza de que conseguiremos retirar ao tempo o que nos roubaram. (...)*

E também:

31-3-68

*(...) Esta mocidade que estagnou! Sim, onde estão as regalias a que todo o jovem tem direito? Como se goza a mocidade? (...)*

22-8-68

*(...) Sinto a tua falta e careço do teu afecto e ternura. Tenho necessidade de sair daqui, afastar-me desta vida que não interessa nem aos cães. No entanto estou cá, contra a minha vontade e, embora suporte as contrariedades, apetecia-me fugir, correr até onde as pernas me levassem, ao encontro não sei de quê. (...)*

Quase no fim, claramente se expressa o papel da companheira ausente como efectivo contributo moral - ou psicológico? Não sei - para suportar a adversidade:

14-3-69

*(...) «estiveste sempre ao meu lado apesar das circunstâncias». É verdade! Sem ti, não sei como suportaria estes três anos duros. (...)*

18-7-69

*Minha vida:*

*Assim que me levantei, entregaram-me uma carta tua e a "Miriam". É uma sensação agradável acordar de manhã, ouvir chamar pelo meu nome e dizerem que há correio para mim. (...)*

E perante o nunca mais acabar da Comissão:

20-7-69

*(...) Já não suporto mais esta vida. Quero alegrar-me com a tua presença. Preciso de ti para repartir a felicidade ou mágoa, acreditando que existirá só a primeira. Fazes-me falta, querida!*

*Não temos culpa de que o mundo seja cruel. Foi um golpe inesperado, aquele da partida. Desmoronaram-se os castelos que construímos num sonho lindo. Mas, muito em breve, serão reconstruídos. Desta vez, mais resistentes e mais sólidos. Podes acreditar que jamais cairão. Levo daqui muito cimento e, com o ferro que soubeste acumular, iremos construir um castelo para não cair. Este não será de areia.*

*Voltarei depressa.*

*20-8-69*

*Que carta, Meu Deus! Que carta recebi agora! Mas para quê tanto choro, tanto desespero?*

*Querida, não desesperes, eu vou voltar! (...)*

*29-9-69 (55 dias a mais)*

*(...) há momentos em que me custa a acreditar que isto está no fim. Está tudo tão calejado que até os novos não notam que há em nós alegria por nos irmos embora. Parecemos mais desconfiados, mais aparentando virmos render e não sermos rendidos. «Mas será verdade que somos nós que vamos embora?» É a interrogação que todos fazem.*

*(...) O «Dever pela Pátria» está cumprido. Agora devemos olhar por nós mesmos e defender um lar, uma felicidade.*

*No fim de tudo, o modo como, em Angra do Heroísmo, a Companhia se desfaz não pode ser mais revelador. Sem aplausos, discursos, recepções, a desilusão é total: (...) não tornei a ver nenhum Açoriano (só o Carmo, que veio ao meu encontro, na hora de partir para o Continente). E os outros? Desapareceram, num ápice, sem se despedirem de ninguém. Sem que ninguém pudesse despedir-se deles. Para onde foram os 130 e tal homens que comigo estiveram em Angola e regressaram? (O único que veio mais cedo, numa caixa de pinho, morreu lá, como poderia ter morrido cá, (...))*

*Nem os que eram dali, da Ilha Terceira, se vislumbavam. Não olharam para trás e fugiram, antes que ouvissem algum «toque a reunir» e tivessem que enfileirar novamente, para cumprir outra Comissão. Foi como se tivessem sumido. E o Povo não esteve a aplaudi-los na chegada. Cada um recolheu a casa a tratar das feridas provocadas pela ausência, e das cartas-de-chamada para ir trabalhar nas Américas. O inimigo estava mais camuflado nos gabinetes do que os «turras» no mato. Não esperaram por louvores ou medalhas. Foram às suas vidas sem deixar endereço. Mais tarde, a pouco e pouco, fomo-nos reencontrando. Fomos e viemos todos. Juntos. Menos um, que veio mais cedo. (...)*

Como Epílogo e conforme diz Cesário Costa:

«A Guerra ficou para trás. Mas, um dia, saiu do baú das recordações e quis revelar-se desta forma (em cartas e aerogramas) para que ninguém a esqueça. Não serviu para nada, mas mudou o rumo de muita gente da minha geração.»

Ainda bem que a Maria de Lourdes - conforme ameaçara - não queimou as cartas. Ficaram para nos dar um testemunho humano admirável sobre a Guerra de África vista e sentida por dentro. Por dentro de um drama colectivo, mas principalmente por dentro dos sentimentos e paixões dos seus actores.

Falando politicamente incorrecto, penso que a dívida do País para com uma geração que não fugiu nem desertou e foi fazer uma Guerra que não era a sua e dela nada trouxe - de resto não estava lá para receber retribuições -, esta dívida jamais será paga. Mas, como também escreve Cesário Costa, «Optaram por África». E pagaram e muitos ainda pagam por isso. Felizmente existem documentos como este para arranhar as consciências dos indiferentes, dos esquecidos, dos desmemoriados, dos ingratos. Se é que tal categoria de gente tem consciência. Duvido.

---

Prof. Helder Pacheco (sua apresentação ao livro "Morto por te ver")

(Palácio Visconde de Balsemão, Porto, 24Nov2007)